

globo.com | g1 | ge | gshow | globoplay | tecnologia | todos os sites

≡ O GLOBO ÉPOCA | BUSCAR 🔍 | ACESSE NO

cultura

PUBLICIDADE

**Price**

Precifique com inteligência

Sistema online que entrega informações do mercado.

WebPrice

## EPOCA

ÉPOCA • CULTURA • 1098

# Os campos explosivos na obra de Alice Miceli

A artista plástica narra as dificuldades de trabalhar em áreas perigosas pelo mundo

**Alice Miceli em depoimento a Nelson Gobbi**  
18/07/2019 - 07:00 / Atualizado em  
16/09/2019 - 14:18

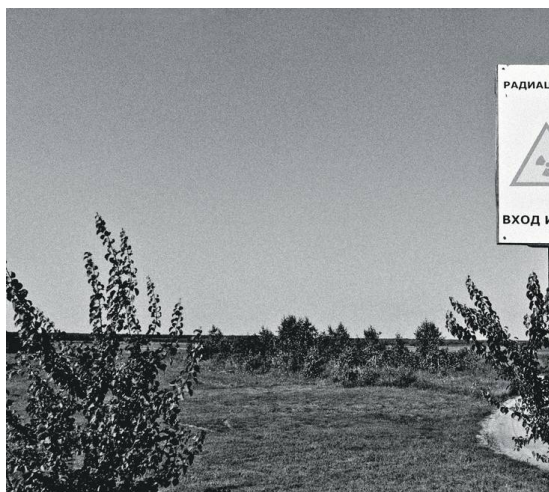


Foto de Alice Miceli em Chernobyl, onde houve o maior acidente nuclear da história



A última foto de Robert Capa, tirada em 1954, no Vietnã, durante a Guerra da Indochina, me levou a fazer a série de trabalhos realizada em campos minados no Camboja, em Angola, na Bósnia e na Colômbia. Na imagem, se vê apenas o horizonte que Capa nunca conseguiu cruzar, ao pisar numa mina terrestre enquanto fazia seu último clique. Ali, mesmo com o fotógrafo fora do quadro, ele é uma força ativa na imagem, é possível sentir sua presença. Isso também está em jogo em meu trabalho.



A série *Em profundidade (Campos-minados)* teve início em 2014, no mesmo ano em que ganhei o Prêmio Pipa, que viabilizou o desenvolvimento do projeto. Fui a um destino por ano, com a intenção de visitar essas paisagens impenetráveis, em países com as situações mais graves de minas terrestres em diferentes continentes. Toda a preparação precisava ser feita a partir do contato com organizações oficiais e não governamentais, a fim de possibilitar o acesso a essas áreas. O risco fazia parte do trabalho, até pela forma como ele foi pensado, em dois eixos. Um é o do registro, o que se vê na exposição. O outro é o aspecto performático, da ação de meu corpo fora do quadro, de quanto eu conseguia me movimentar naquelas paisagens. Por isso as imagens só podem ser entendidas dentro de uma série, e não isoladas. O que definiu

por que o campo minado da Colômbia teria sete fotos enquanto o de Angola teria 15 foi justamente o espaço entre cada uma dessas fotos e onde eu poderia ou não pisar.

Havia, claro, o perigo real de pisar num explosivo. Pouco tempo depois de passar pela Bósnia, soube que o engenheiro-chefe da equipe que desminava o campo morreu ao tentar expandir a área de alcance. Mas não corri o risco pelo risco. Faço um paralelo entre esse trabalho e a prática de esportes radicais, em que toda a preparação é feita para aumentar a segurança. É totalmente diferente de entrar em um campo minado numa situação de guerra. Claro que corremos riscos o tempo todo, inclusive na arte. Pegar lápis e papel para escrever um poema também é um processo sem garantias. O que faço em meu trabalho é esgarçar esse risco.



A artista plástica Alice Miceli em sua exposição na Galeria Aymoré. Foto: Leo Martins / Agência O Globo

Meu interesse pelas imagens vem da infância, com o cinema, e depois, da adolescência, com a pintura. Após me formar em cinema em Paris, tive uma experiência profissional como assistente de direção, mas me dei conta de que estava mais interessada em investigar as imagens do que em trabalhar diretamente com audiovisual. Queria voltar a estudar e fiz mestrado em arquitetura e história da arte pela PUC-Rio e, em paralelo, fiz o workshop Procedência e Propriedade, com Charles Watson. Já havia feito o curso antes, aos 17 anos, mas naquela época não consegui ter o foco necessário para trabalhar as questões propostas.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Meu primeiro trabalho em artes visuais foi a videoinstalação *Ínterim: um autorretrato*, de 2003. No ano seguinte, iniciei o projeto que me levou pela primeira vez ao Camboja, para investigar os registros fotográficos das vítimas do Khmer Vermelho na década de 70 na S-21, a antiga prisão que hoje abriga o Museu do Genocídio Tuol Sleng. Estima-se que 14 mil pessoas tenham sido executadas ali, das quais 6 mil foram fotografadas na chegada. Restaram fotos de apenas 88 dos executados, o que deu título ao trabalho, *88 de 14.000*. Quando cheguei à prisão, não sabia como seria o trabalho, essas questões foram colocadas pelo próprio material da pesquisa. Fiz ampliações das imagens, que eram as últimas daqueles prisioneiros em vida, e as projetei em uma cortina de areia despejada por uma máquina. A quantidade de areia vertida foi definida por uma equação que levava em conta o tempo que cada um teve antes da execução. Essas projeções, registradas em vídeo, partem de uma tentativa de restituir àquelas pessoas a humanidade que lhes foi tirada.

Nesses dois trabalhos, já havia investigado algumas questões específicas relacionadas a alguns formatos clássicos da história da arte, o autorretrato e o retrato. Em seguida, acabei abordando outro elemento comum ao meio das artes visuais, a representação da paisagem. Assim, me mudei para Berlim em 2007 para desenvolver o *Projeto Chernobyl*, para o qual foi desenvolvido uma câmera pin-hole que registra imagens geradas não pela luz, mas pelos raios gama, que são invisíveis para nós e estão presentes na área de exclusão da região atingida pelo acidente nuclear de 1986.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Chernobyl, mais uma vez retratada por Alice Miceli. Foto: Alice Miceli

Chernobyl, mais uma vez retratada por Alice Miceli. Foto: Alice Miceli

Eu tinha 6 anos quando o reator 4 de Chernobyl explodiu. Lembro-me bem da cobertura do acidente. Meus pais lutaram contra a ditadura militar e eram comunistas. Em 1986, eles eram professores universitários, tinham suas críticas ao regime, mas ainda assim aquela era a identidade

política de minha família. Quando vimos o acidente pela TV, foi quase um luto. Ao chegar à zona de exclusão, aquelas imagens voltaram à minha mente, foi algo que mexeu com minha imaginação.

Talvez o mais impactante seja perceber como a ganância, que está por trás de eventos trágicos como esses em países capitalistas, também não escapou aos regimes comunistas. Voltamos a falar sobre Chernobyl por causa da série da HBO, à qual tenho algumas críticas pontuais, mas reconheço que acertaram em muita coisa, principalmente na direção de

arte e na reconstituição de época. E é bom que esta geração possa saber o que aconteceu no passado e continua a acontecer neste momento, já que a radiação nuclear segue alterando a Terra. Meu interesse nesses temas vem dessas situações que vão além de um evento traumático. Tanto Chernobyl quanto os campos minados são áreas de exclusão que não ficaram circunscritas ao passado. Vamos morrer, e a radiação vai continuar alterando fisicamente aquela região, assim como provavelmente os explosivos continuarão enterrados na maior parte daqueles campos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

**Alice Miceli** venceu em 2014 o Pipa, maior prêmio das artes visuais no país, e participou de eventos como a Documenta de Kassel, na Alemanha, em 2007, e da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010

**O Globo, um jornal nacional: Fique por dentro da evolução do jornal mais lido do Brasil**

### Conteúdo Publicitário

Taboola Feed

**Porque essa mini motosserra foi eleita a invenção mais...**

ULTRASERRA | Patrocinado



MAIS LIDAS NA ÉPOCA

## 1. Ex-professores e colegas comentam carreira acadêmica de Haddad

Ruan de Sousa Gabriel e Tiago Aguiar

## 2. 'Sugar Daddies' patrocinaram mais de 150 mil jovens em rede de relacionamento

Camila Zarur, Rafael Nascimento e Pedro Madeira

## 3. Seis coisas que você não sabia sobre as Forças Armadas da Venezuela, pilar de Maduro

Ariel Palacios

## 4. Zigurats, a comunidade brasileira que se prepara para o dia do Apocalipse

Guilherme Caetano, de Corguinho, Mato Grosso do Sul

## 5. Lula e Janja em Cuba

Guilherme Amado



MAIS DE CULTURA

VER MAIS

### Conteúdo Publicitário

por Taboola

**Porque essa mini motosserra foi eleita a invenção mais...**

ULTRASERRA

**Por que esses quebra-cabeças fazem tanto sucesso?**

... que os campos explosivos na obra de Alice Miceli - Época

Puzi

### Ortopédico: pessoas de Rio De Janeiro estão usando esse tênis

Orrthofeet™

### Barbeador de precisão “quebra” indústria das lâminas

Homem Moderno

**ILHA PURA GASTRONOMIA**

Traga a sua família e descubra o Modo Parque de Viva

**19 e 20 DE NOVEMBRO**

11h às 20h  
— Entrada Gratuita —

**ESPAÇO CARVALHO HOSKEN**  
Av. Salvador Allende, 3200.  
Ilha Pura - Barra

**ATRAÇÕES MUSICAIS**

19 e 20/11 - Fred Chico  
19/11 - 18h - Pedro Lima

**O GLOBO**

Portal do Assinante • Agência O Globo • Fale conosco • Expediente • Anuncie conosco • Trabalhe conosco • Política de privacidade • Termos de uso

©  
o

Nós usamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossos serviços, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Ao utilizar nossos serviços, você concorda com tal monitoramento. Informamos ainda que atualizamos nossa [Política de Privacidade](#). Conheça nosso [Portal da Privacidade](#) e veja a nossa nova Política.

**PROSSEGUIR**